



Cena de Boi de Prata, filme de Augusto, inspirado na mitologia nordestina

AUGUSTO RIBEIRO

Ex-aluno da UnB mergulha na mitologia e cria Boi de Prata

Quando chegar agosto, Brasília vai ver o I Festival do Filme Brasiense e, abrindo o festival como convidado, **Boi de Prata**, de Augusto Ribeiro Júnior, primeiro filme de longa-metragem do autor e que, para ele, "representa uma volta à terra de origem, o Rio Grande do Norte, uma volta, que acontece no próprio roteiro, à mitologia popular, à atmosfera da literatura de cordel, tentando dar ficcionalmente uma dimensão do universo popular sertanejo".

No dizer de seu próprio autor, **Boi de Prata** trabalha sobre o mito de um boi brilhante que aparece para um poeta, "uma visão fantástica que o lança num mergulho e num vôo poético sobre a sua própria realidade". E é justamente com este sonho e a magia do povo, que lhe é transmitida pela curandeira Maria dos Remédios, que ele vai enfrentar a crueldade do rico herdeiro Elói e seus jagunços, associados a interesses estrangeiros e que querem tomar o sítio de seu amigo Antônio Vaqueiro, junto de quem ele lutará.

O filme foi inteiramente interpretado por atores locais, muito conhecidos na região, com uma equipe quase que inteiramente nordestina e mais a participação especial da atriz Luiza Maranhão que, atualmente, vive na Europa. Este é, para Augusto, um dos principais méritos de seu filme, o de "mostrar gente nova, capaz de fazer cinema fora dos centros tradicionais".

E surge aí o dado fundamental, na opinião do diretor de **Boi de Prata**: o filme foi pioneiro na execução da idéia dos pólos cinematográficos, ou seja, a descentralização da produção, "uma luta minha muito antiga e que eu vejo hoje, com muito prazer crescer e se espalhar em múltiplas frentes de mobilização. Mas quando eu falei pela primeira vez em descentralização, há oito anos, num jornal de Natal, corri o perigo de ser comparado com um sonhador utópista".

Entretanto, Augusto se confes-

sa extremamente satisfeito e diz que a luta vale quando ele chega a Brasília e vê essa grande mobilização para se criar o importante Pólo de Cinema do Distrito Federal, "no qual destaco, em particular, o trabalho da Associação Brasileira de Documentaristas - DF, à cuja frente está o Vladimir Carvalho, principalmente com a organização do I Festival do Filme Brasiense. Acho que o Festival vai ser um momento da maior importância para mostrar o imenso trabalho coletivo nesse setor".

Inquieto, Augusto alia imediatamente a necessidade de criação do Pólo Cinematográfico do DF ao que ele chama de "um velho sonho de quem trabalha no cinema de Brasília, os pioneiros, esses verdadeiros heróis", que é a criação da Cinemateca Nacional, cujo local, segundo o cineasta, já foi muito bem definido no plano urbanístico de Brasília, ali perto do Teatro Nacional, "que representa um marco da maioridade cultural de Brasília. A Cinemateca complementar o conjunto ali ao lado do Teatro Nacional, formando um registro vivo da memória brasileira".

Essas idéias - a do Pólo e a da Cinemateca - foram levadas recentemente por Augusto ao Ministro Ludwig, por intermédio do Secretário de Cultura do MEC, Aloísio Magalhães, junto com outras que foram, segundo seu depoimento, "muito bem recebidas pelo Secretário que se entusiasmou por elas e prometeu levá-las ao Ministro".

Mas voltando ao **Boi de Prata**, filme que tem em seu elenco Lenício Queiroga, Alvaro Guimarães, José Marinho e Fátima Barreto, e que contou com a fotografia de Walter Carvalho, edição de Severino Dadá e música de Mirabó, Augusto conta que ele foi lançado em Caicó, no interior do Rio Grande do Norte, cidade onde foi inteiramente rodado, batendo todos os recordes de bilheteria, inclusive os dos filmes dos Trapalhães. Contudo, por uma série de problemas, o fil-

me ainda não foi lançado no circuito comercial, o que deverá acontecer nos próximos meses.

Depois de **Boi de Prata**, Augusto já está trabalhando em sua próxima realização, **Os 18 do Forte**, cujo roteiro ele já concluiu. E esta é uma das razões de sua vinda a Brasília. Ele está buscando apoio para realizar o projeto, que classifica como "comemorativo dos 60 anos da revolta do Forte de Copacabana, um marco histórico do tenentismo no Brasil".

Mas a grande ambição do cineasta é, confessadamente, ver seu filme "ligado organicamente a um programa de filmes históricos que são profundamente importantes para a manutenção da memória viva da Nação". E é justamente essa a idéia central de **Os 18 do Forte**, que "desenha um painel dos anos 20 no Rio de Janeiro, com a efervescência intelectual dos cafés da Avenida Central e a efervescência revolucionária e libertária da juventude militar. O projeto vem encontrando a maior receptividade aqui em Brasília, nos contatos que tenho feito".

Em realidade, Augusto está voltando a Brasília, onde realizou seus estudos de cinema no período de 68 a 72, na Universidade de Brasília, concluídos posteriormente em Niterói. Enquanto esteve aqui, o então jovem estudante de cinema teve uma grande participação na realização cinematográfica local.

Fez dois curtas, **Decisão** e **OBM**. O primeiro nasceu de um pequeno mutirão feito na SQS 308 e que resultou num filme experimental feito em branco e preto, 16mm, que acabou indo parar no Festival Internacional da Juventude, em Cracóvia, na Polônia. **Decisão** era sobre os percalços da vida de um garoto engraxate, morador da Cidade Livre e que vinha para o Plano Piloto trabalhar.

OBM, sigla para Oficina Básica de Música, foi um documentário feito também em 16mm, que registra a experiência de ensino

de música contemporânea na UnB, mais propriamente no conjunto formado pelo Instituto Central de Artes e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, mostrando o trabalho conjunto de professores e alunos. Este filme, lembra Augusto, foi realizado com o apoio dos professores Emílio Terrazza, Conrado Silva e Nicolau Kokron.

Além disso, ele fotografou o filme **Rito Kraó**, de Heinz F'orthmann, realizado em 1971, e foi assistente de equipes francesas e alemãs de televisão que vieram à cidade e precisavam de alguém daqui para realizar seus trabalhos. Mais tarde, foi embora para o Rio de Janeiro, onde trabalhou com Maurice Cappovilla, Nelson Pereira dos Santos - foi assistente em **Amuleto de Ogum** - e Jean Claude Bernadet. Aqui, antes de ir, ele havia trabalhado também com Vladimir Carvalho e Fernando Duarte.

Extremamente participante, Augusto tem a sua opinião sobre a ida de Roberto Parreiras para a Embrafilme. Ele ressalta que "pela primeira vez não vem uma pessoa completamente alheia ao mundo cultural e nem um especialista em cinema brasileiro. O Parreiras é uma pessoa com uma longa experiência na área cultural - e aqui eu lembro sua atuação como gerente do Plano de Ação Cultural, à frente da Funarte e da TVE - cuja carreira possibilita que ele dê mais agilidade ao cinema brasileiro na área do MEC".

E é essa circulação mais fácil no MEC que o cineasta reputa da maior importância: "Eu estou engajado no esforço para melhor entrar o cinema brasileiro na área mais ampla do Ministério, reafirmando seu compromisso histórico com a educação e a cultura, tão importantes no processo de desenvolvimento do país. Esta é, aliás, a linha das sugestões que eu encaminhei ao Ministro Ludwig, através do Secretário de Cultura".